

Morte, Gênero e o conto “Desalento”.

...Diz-se daquilo que, dados determinados antecedentes, só pode ser tal como é. (Novo Dicionário Aurélio)

Acorde, saia desse caixão, meu filho. Me dê a mão. Vamos embora daqui, vamos embora desse lugar, vamos sair voando, gaivotas em rebuliço, vamos rir das pessoas que ficam no chão, o susto evidente nos rostos (não terão mais de quem sentir pena?), vamos rir, meu filho, vamos tirar delas o gozo da piedade, vamos tirar delas o alívio (ainda bem que não é comigo, que não é o meu filho). Tudo não passa de um mal-entendido, de um equívoco, vamos partir, vamos ganhar os ares.

Para quem acredita em *literatura feminina* o conto “Desalento”, de Tatiana Levy, com certeza pode apresentar um conjunto de elementos constitutivos do gênero, inscrito no âmbito do “universo da mulher”, da maternidade, da solidão peculiar das pequenas famílias modernas em que novos papéis destinados ao feminino são chamados a dar testemunho. Neste caso, porém, para além da desventura singular, do *desalento* vivido pela personagem, o texto trata de um assunto tão universal quanto absoluto: trata da morte, inerente a todo ser vivo independente a que sexo pertença, a que classe, reino, sociedade, etnia, ou qualquer outra marca que o limite. Sendo assim, se cada criatura deve viver e experienciar os eventos próprios da existência que lhes forem cabíveis, históricos e psicológicos, políticos e culturais, reais e imaginários, felizes e

funestos, bem-aventurados ou interrompidos pela fatalidade - como ocorre com a personagem do conto – e, principalmente, se o horizonte último, inevitável, da obra de ficção remeteria ao humano, indistintamente humano, poderíamos nos perguntar se haveria, realmente, (e qual, e por que seria?) a grande dessemelhança, a disparidade cabal, evidente, comprobatória, no modo de sentir, de ver, de reagir, de ler e de escrever entre homens e mulheres, capaz de restringir e fechar os contornos de uma literatura de autoria feminina hoje.

Desalento é chegar em casa de mãos vazias.
De braços vazios de ventre vazio.

Ainda que se trate de uma *mãe*, frente à perda de seu *filho*, seria mesmo este “ventre vazio” da mulher de luto necessária e fundamentalmente mais despovoado e vazio do que, por exemplo, um “coração de pai”? Em outras palavras, a forma como um homem experimentaria a morte do filho deveria ser, por alguma razão (criativa, aberta, literária) menos intensa ou significativa para a literatura do que aquela vivida pela mulher? Estaria aí, então, fosse o que fosse essa “diferença”, a justificativa para se levantar os muros da fronteira entre os *gêneros feminino e masculino* literários (para o caso de existir de fato esta fronteira e esta op(osi)ção)?

Mas de que lhe serviria desvendar os mistérios quando eles já não pertencem a ninguém, quando seu dono já não é mais dono?

A Experiência da Morte

Da morte, real ou imaginária, não nos é dado conhecer a verdade, mas intuir apenas o seu significado unicamente da perspectiva de quem vive. Como só se pode falar e discutir sobre ela com uma visão “de fora”, de quem nunca morreu, discorrer sobre morte possibilitaria abrir e elucidar algumas convenções, começando pela necessidade de relativizar não só o estatuto de realidade como o de referência, no texto ficcional.

Wolfgang Iser, em seu *O Fictício e o Imaginário* nos dirá que “A ficção não medeia entre a realidade e o conhecimento, mas age como transgressão do que é dado, a fim de fazer valer o imaginário - processo que se fecha ao conhecimento e não pode ser alcançado pela referencialidade” (1996, p.195). É desse modo que até a morte, para nós sempre do outro, algo que não podemos praticar, torna-se passível de ser experimentada através da ficção, já que as ficções literárias, enquanto *único discurso que admite a si mesmo como ficção*, como fingimento, não tem compromisso com a verdade nem tenciona refletir o real (o que Iser denomina desnudamento).

Disso resulta que um distanciamento crítico em relação às cenas cotidianas e às suas representações tipificadas torna-se possível, trazendo consigo a prerrogativa de usar de combinações incomuns, inesperadas, impensadas, “impossíveis” muitas vezes, para abrir espaço para que o leitor expanda o seu sistema de referências, examinando outras possibilidades negadas pelo sistema do mundo.

Sabia que na sua testa nas suas olheiras no seu cabelo desgrenhado no seu corpo abatido estava escrito, em letras vermelhas grandes e redondas: meu filho morreu. E não queria que ninguém o lesse...

Diferença dos Iguais

O conceito de *papéis*, da antropologia social, “as concretizações específicas de cada situação assumida por nós”, quando incorporado à literatura, acaba coincidindo com a própria pluridimensionalidade da natureza humana. No entanto, segundo Iser, mesmo a soma de todos esses papéis não pode ser idêntica com algo que lhes precede (1996p. 9). Talvez seja por isso que ao trazer o preceito de gênero para o tecido literário corre-se o risco de desencadear conflitos (lembramos do que a literatura já sofreu com a psicanálise, por exemplo: servir de ilustração às suas premissas) já que, para tanto, venha-se tomando como base referências e argumentos distantes dos propriamente literários, sejam eles biológicos (*a mulher, por poder gerar, parir, sentir “na pele” algumas experiências, estaria em condição privilegiada em relação ao homem para abordar determinados assuntos*), históricos (*mulheres (foram/são?) vítimas emudecidas da hegemonia do cânone masculino e branco instalado nas bases da cultura oficial ocidental*), políticos (*assim como os negros, os gays e todas as minorias não prestigiadas, as mulheres precisam se assumir e se declarar como tal, como tomada de consciência de um lugar e de um papel social*), ou recortes de estereótipos culturais (*quase sempre às voltas com a rotina doméstica, o relacionamento com seus homens e com a família, o feminino da literatura traz um olhar de meandros íntimos, da fantasia, do lírico, do confessional, não tendo em geral pendor para cruezas, violências, palavrões, pornografia, relações sexuais que ultrapassem o “erótico” ...*)...

Nessas horas recordemos de Nietzsche: “Todo conceito nasce por igualação do não-igual”.

Mas a questão importante não seria a de se reconhecer ou desconsiderar todos ou alguns desses conceitos, que, com certeza, fazem parte da construção de identidades e da nossa cultura, para o bem ou para o mal. Seria mais proveitosa a reflexão de que todas e quaisquer normas de hierarquia social e cultural quando expostas na ficção literária estarão ali não (só) para serem endossadas, mas (também) questionadas e relativizadas, porque a

ficção não se quer documento, não se quer um meio para as ciências nem para a história. E Iser, mais uma vez, repara que a velha concepção de literariedade como representação de uma determinada sociedade, que legitimaria a literatura como “iluminação de relações sociais”, só contribuiria para marginalizá-la (1996,p.8) destituindo da arte sua autonomia.

A ficção, portanto, pode apagar as marcas das identidades cotidianas dos sujeitos, fazer com que encenem ser aquilo que não são, pode não só transgredir limites e romper fronteiras de qualquer natureza, como dissolver tudo o que habitualmente é percebido como coerente e real. A ficção é prenhe do poder da generosidade. Cria novos mundos e dá novas possibilidades.

Puxe, puxe o caixão. Força, força, vai, segure a corda com força e puxe. Erga o caixão: é seu filho que está lá dentro, precisando da sua ajuda. Erga o caixão. Traga-o de volta à superfície. Abra a tampa. Tire o algodão de seu nariz. Acorde, saia desse caixão, meu filho...

Polêmicos

Se todo limite, como disse Foucault, “não é mais talvez que um corte arbitrário num conjunto indefinidamente móvel”, a polêmica existente entre os que defendem a divisão de gêneros na literatura como legítimo e profícuo e os que reputam toda essa discussão como controvérsia ociosa, ultrapassada ou puramente preconceituosa, parece não levar em consideração que para a ficção tudo interessa, não só as diferenças, mas, sobretudo, a pluralidade que se exerce na convivência entre o que é e o que não é, entre o impossível e o possível, entre o que está posto e o que é construído esteticamente. “Como produto de um autor, cada texto literário é uma forma determinada de acesso ao mundo, porém esta forma não está dada de

antemão pelo mundo a que o autor se refere, para que se imponha é preciso que seja nele inserido”.(1996, p.16)

Desalento

Tatiana Levy construiu seu texto com a liberdade que lhe é facultada pelos preceitos da ficção. É possível que ainda não tenha sido mãe e tenha aproximadamente hoje a idade do jovem filho que morreu. Nem por isso deixa de nos envolver num relato triste e comovente, tocando apenas a superfície dos fatos, como se tivesse em mãos uma câmera que deslizasse lenta e sucessivamente na casa vazia, na paisagem baldia.

A luz acesa na sala o vaso com flores murchas mofadas a água suja a camisola largada no chão (o desespero?) moedas em cima da mesa a janela aberta o chão molhado pela chuva o som ligado (em silêncio) o resto de um sanduíche no prato em cima da mesa.

Os detalhes que “a câmera” vai descobrindo revelam a interrupção de algo que fazia sentido e agora se perdeu. Algo que, antes de desmanchar-se, imobilizou-se e permaneceu suspenso, como uma fotografia de um corte, o último segundo de um tempo que se foi para sempre, abruptamente, *absurdamente*. Desaparecendo pela janela aberta e levando consigo uma realidade que nunca mais será recuperada.

...o tênis nike o cabelo raspado o *piercing* no nariz o fórum o estágio a segunda namorada o acampamento o bermudão a praia o skate a prancha o judô a babá a primeira mamadeira.

O conto traduz o desalento da personagem diante da fatalidade, da dor advinda da separação daqueles que amamos. Fala da solidão da qual nos esquecemos, só nos lembrando geralmente quando desmoronam as certezas que, distraída e confortavelmente, vimos construindo em torno de nós. Quando ficamos cara a cara com a fragilidade do nosso pequeno mundo e com a falta de sentido da existência.

Fala de um momento, um “acontecimento” na vida de uma mulher separada, que viveria sozinha com seu filho, a quem teria se dedicado, enchido de carinhos e cuidados, quem sabe uma profissional liberal que dividisse com o pai do rapaz, já casado com outra, os custos de uma educação criteriosa, sólida, dedicada a um brilhante futuro, que não havia.

Mas fala, principalmente, da impossibilidade de “realizar a realidade” frente ao irreversível, ao eterno, à morte. Produzindo em nós uma consciência aguda da dificuldade de assimilar “adequadamente” algo para o qual não há (não pode haver) compreensão. Algo que nenhuma descrição, nem palavra, nem imagem, alguma vez tenha sido capaz de restituir. Fala, porque é ficção, por meio da dimensão do sentimento humano no ser humano, cuja responsabilidade, a despeito de tudo, é continuar existindo.

O Ético Estético

A substância das experiências de cada mulher ou homem, de cada um de nós, será sempre do âmbito do mistério. Podemos apenas dividir com nossos semelhantes a parte ficcionalizada da nossa existência: heterogênea, parcial, subjetiva, circunstancial, quer nas situações extremas, quer nas triviais. Para a vida e para a morte, cada qual desenvolverá para si diferentes relações

afetivas com o mundo, que, real ou literariamente, será sempre construído e desconstruído e reconstruído.

Como seres humanos, temos necessidade de inventar verdades, que não se comprovam, que não se sustentam, que, sabemos, são sempre provisórias. No entanto, não foram poucas as tentativas de se diminuir a ficção enquanto texto de fingimento, de impostura, esquecendo-se que, mesmo a História ou a Ciência, tão caras ao conhecimento humano, utilizam-se de ficções para fazer seguir suas hipóteses e afirmar suas versões. Aqueles que acham que quem escreve “finge ou mente”, esquece-se que “fingir” é da ordem do artístico ou do estético, da ficção e da imaginação, não da ordem do ético. Seria mais cuidadoso afirmar que as ficções literárias são as únicas que, por se desnudarem, recusam-se a identificar fingir e mentir com as realidades sociais ou as verdades culturais construídas por nós para dar sentido e justificar a existência. As ficções literárias vêm sentido em criar existências, por mais doloroso ou perigoso que isto seja.

Tivesse coragem ficaria no carro, o senhor me desculpe, mas não vou saltar aqui, siga em frente, me leve para bem longe, outra cidade, outro país, outro planeta, algum lugar em que eu possa encontrar mas não, isso lhe seria excessivamente penoso, seria como arrancar a blusa e mostrar a chaga, o sangue o pus. Seria como mostrara a perna inchada pela elefantíase ou a carne corroída pela hanseníase e pedir esmola, por favor, eu preciso da sua ajuda, não tenho braço perna mão pé. Um pedido ao mundo de piedade. Mas como não queria que dela se apiedassem, pagou ao motorista (pode ficar com o troco) e desceu do táxi.

Bibliografia

FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

LEVY, Tatiana Salem. *Desalento* in: *25 Mulheres que estão fazendo a Nova Literatura Brasileira*. Org. Luiz Ruffato, Ed. Record, RJ/SP 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre Verdade e Mentira no sentido Extra-moral*, 1873 in: *Os Pensadores* São Paulo: Victor Civita, 1983.